



## **Sistema agroflorestal como alternativa de produção para organizações femininas no campo**

### *Agroforestry Systems as a Production Alternative for Women's Organizations in Rural Areas*

MATOS, Marcele Barros<sup>1</sup>; SOARES, Suzany Rhariny da Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal do Pará (IFPA), marcelebarros@outlook.com; <sup>2</sup> Instituto Federal do Pará (IFPA), suzany.rharinys@gmail.com

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

### **Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica**

**Resumo:** A agroecologia, além de propor em seus princípios produções agrícolas ecológicas, compreende que não só os recursos, mas as pessoas não devem ser exploradas. Apesar desta premissa de equidade entre os indivíduos, a questão de gênero ainda é uma temática que requer discussão tendo em vista a expressiva diferença dada a importância do trabalho feminino e o masculino no meio rural. Este relato apresenta a experiência de um grupo de mulheres moradoras da Comunidade do Tamatateua, localizada nas regiões de Campo da Amazônia brasileira, que procurando obter renda organizou-se enquanto Coletivo. Em parceria a um projeto de extensão, vinculado ao Instituto Federal do Pará, foram implantados dois sistemas de cultivo agroflorestal para diversificar a produção e auxiliar na continuidade das atividades comerciais do grupo. Observa-se que através da autonomia financeira as integrantes ganharam maior visibilidade no âmbito familiar e passaram a se reconhecer profissionalmente como agricultoras.

**Palavras-Chave:** coletivo de mulheres; equidade de gênero; maretório; mutirão.

### **Contexto**

A Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu (RESEX Caeté-Taperaçu), está localizada no município de Bragança-PA, na zona costeira da Amazônia brasileira, sendo composta por vastas florestas de mangues, restingas, dunas, praias e regiões de campos naturais salinos (ICMBio, 2012) que durante o período chuvoso, (dezembro a junho), sofrem com a inundação das águas, isolando as populações em porções de terra firme, no qual os moradores chamam de ilhas.

Nestes territórios, não só a paisagem se modifica de forma muito marcante, indo de extensões de pastos cobertos com gramíneas e vegetação rasteira a áreas alagadas, mas também, as dinâmicas nas vidas dos moradores se adaptam aos fenômenos sazonais – desde o modo de se locomover, através de canoas na época das cheias, ao tipo de atividades produtivas desenvolvidas, mesclando agricultura, extrativismo e pesca.

A Comunidade do Tamatateua é uma das 42 localidades presentes na região de maretório<sup>1</sup> da RESEX, com cerca de 518 famílias, em sua maioria agricultores de

<sup>1</sup> Maretório: Termo utilizado para identificar regiões que sofrem com a ação das marés. A palavra advém do contexto de criação das reservas extrativistas (RESEX) na década de 1980 e é usada para



pequena escala e pescadores artesanais (CARDOSO, 2022). É neste local, que durante a pandemia da Covid-19, um grupo de mulheres organizou-se a fim de fomentar suas rendas, dialogar sobre políticas, além de outras questões pertinentes a suas realidades.

O Coletivo “*Mulheres Guerreiras do Tamatateua*” é formado por 21 integrantes, de diferentes faixas etárias, desde janeiro de 2020 e possui como intuito principal a promoção do empoderamento feminino através da autonomia econômica, entendida como a capacidade de prover renda para a família. São comercializados diversos gêneros alimentícios produzidos pelas camponesas como farinhas de mandioca e coco, ovos, poupa de frutas, entre outros, organizados em uma cesta feita de fibras trançadas, muito comum na região, denominada *paneiro*.

**Figura 1:** Paneiros produzidos pelas camponesas, cada cesta é composta por produtos diferentes conforme a disponibilidade (época do ano, safra, etc.).



Fonte: Coletivo Mulheres guerreiras do Tamatateua (2023)

A partir de junho de 2020, o projeto de extensão “*Paneiro do Mangal: fortalecendo a sociobiodiversidade das mulheres extrativistas da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu*” vinculado ao Instituto Federal do Pará (IFPA), *Campus Bragança*, tornou-se parceiro das atividades e através de ações educativas, mutirões nos lotes para implantação de sistemas de cultivos agrícolas, além da venda dos produtos tem contribuído na manutenção e atuação do grupo.

Historicamente, o trabalho feminino no campo está presente em todos os setores produtivos, porém não são atividades reconhecidas como geradoras de renda, pois na perspectiva patriarcal seriam voltadas apenas para o autoconsumo ou as funções exercidas teriam papel coadjuvante (OLIVEIRA, CAVALCANTE, 2018). A não valorização destes trabalhos, colocados em segundo plano, promove a

---

designar áreas ocupadas por populações tradicionais que fazem uso destes territórios, no qual são desenvolvidas formas próprias de se apropriar dos recursos naturais entre a terra, o mangue e o mar. (LIMA, RIBEIRO, 2021)



exclusão da mulher como parte integrante e protagonista no sustento da família, colocando-a numa posição subordinada na esfera econômica do lar.

Em meados da década de 1980, grupos feministas no meio rural, começaram a se estruturar no país, debatendo temas como o reconhecimento profissional, integração individual nos sindicatos e cooperativas, bem como a participação ativa nas tomadas de decisão. As mulheres rurais, através de cartas enviadas a Assembleia Nacional Constituinte (ANC) entre 1986 e 1987, reivindicaram que estes direitos fossem incluídos na nova Constituição que estava sendo elaborada (ALMEIDA, 2018).

Estes movimentos sociais rurais, apresentaram uma outra perspectiva feminista, específica do campo, no qual as relações de gênero seriam analisadas a partir das práticas cotidianas das mulheres camponesas, como a produção de alimentos saudáveis, a soberania alimentar e/ou a relação humana com a natureza (SANTOS, BETTO, 2021). Conforme observado, experiências de organizações femininas rurais, têm auxiliado na redefinição da percepção das integrantes sobre suas realidades, levando-as a refletir sobre a posição e importância da mulher como guardiã dos saberes da natureza.

No âmbito da agroecologia, a questão do papel da mulher ainda é pouco debatida, apesar das dimensões que embasam a área, no qual busca-se não só a atenção sobre aspectos ecológicos, mas a inclusão social, cultural e política como objetivos das práticas, portanto, o ambiente rural sustentável perpassa pela compreensão de que os sistemas agrícolas não devem se basear na exploração das pessoas ou dos recursos naturais (OLIVEIRA, CAVALCANTE, 2018).

A vivência das mulheres do coletivo da comunidade do Tamatateua por meio da busca, sobretudo, do empoderamento feminino, troca de saberes e trabalhos, reforça a importância que esses movimentos e ações em grupo trazem de benefícios aos envolvidos, mostrando que a integração ao movimento é capaz de mudar suas realidades de forma positiva.

Neste aspecto, a descrição de experiências como esta, tem o papel de incentivar futuras organizações femininas rurais, a fim de contribuir para a propagação de mais debates sobre as dimensões do papel da mulher na agricultura, combatendo a exclusão dessas agricultoras de seus espaços.

### **Descrição da Experiência**

As atividades desenvolvidas ocorreram em duas etapas: Primeiro um mutirão, envolvendo o Coletivo “*Mulheres Guerreiras do Tamatateua*”, docentes e discentes dos cursos: Tecnólogo em Agroecologia (turmas 2020; 2021; 2022) e subsequente de Aquicultura (2021) do Instituto Federal do Pará (IFPA), *Campus Bragança*. Os objetivos desta fase da pesquisa foram: 1- A implantação de Sistema Agroflorestal<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Sistema Agroflorestal: tipo de uso do solo que combina, em uma mesma área, o cultivo de espécies arbóreas como frutíferas, espécies para produção de madeira e elementos agrícolas, podendo ser incluído a criação de animais. Possuem diferentes arranjos e possibilitam a regeneração de florestas, além da produção de alimentos de forma ecológica.



(SAF) em duas propriedades; 2- Difundir/trocar saberes agroecológicos; 3- integração dos discentes à vivência no campo.

Através de rodas de conversa foram debatidos assuntos sobre o local, com a escolha de quais integrantes receberiam o sistema de cultivo<sup>3</sup>, e quais espécies seriam implantadas no sistema. A composição do SAF foi individual para cada lote, baseada nos aspectos ecológicos, funcionais e de interesse comercial para as agricultoras (tabela 1)

**Tabela 1:** Aspectos observados para implantação dos SAFs

<b>Aspectos ecológicos</b>	Resistência a pragas e doenças, tempo de produção (temporária, semi-perene e perene), adequação ao tipo de solo, etc.
<b>Aspectos econômicos</b>	<b>Lavouras brancas:</b> Mandioca ( <i>Manihot esculenta</i> ), Milho ( <i>Zea mays</i> ), Jerimum ( <i>Cucurbita pepo</i> ); <b>Extrativismo:</b> Andiroba ( <i>Carapa guianensis</i> ), pupunha ( <i>Bactris gasipaes</i> ), Açaí ( <i>Euterpe oleracea</i> ); <b>Produção de madeira:</b> Mogno ( <i>Swietenia macrophylla</i> )
<b>Aspectos funcionais</b>	<b>Nutrição:</b> Margaridão ( <i>Sphagneticola trilobata</i> ), Gliricídia ( <i>Gliricidia sepium</i> )

Elaboração: Autores (2023)

Foram realizados 3 (três) mutirões, em 3 (três) dias, dois no primeiro lote, apenas com as turmas de Agroecologia em abril/2023 e outro no mês de maio/2023 com a inclusão do subseqüente de Psicultura. Durante os plantios, foram feitos experimentos sobre formas distintas de cultivos da Mandioca (*Manihot esculenta*), cultura mais importante economicamente para a região, no intento de se observar parâmetros como o desenvolvimento e crescimento das raízes, parte utilizada para consumo humano, e o tempo de produção.

As leiras que receberam a cultura foram divididas em dois grupos: em um deles a espécie foi plantada conforme técnica indicada pela EMBRAPA, através de ramas com cerca de 30 cm de comprimento, enterradas até a metade e cruzadas a 45° em relação ao solo; e no outro de acordo com a tradição local, no qual as ramas são colocadas em uma cova rasa, deitadas e cobertas completamente com solo.

A segunda etapa da pesquisa ocorreu após a implantação dos SAFs em junho/2023, por meio de um questionário estruturado abordando questões como: 1- Participação na organização, 2- Práticas agroecológicas; 3- Interação do grupo com o projeto de extensão desenvolvido em parceria com o IFPA; 4- Reconhecimento profissional no âmbito doméstico e comunitário. O questionário, contendo o total de 12 (doze) perguntas, foi enviado em formato *Word* via aplicativo *Whatsapp* para a coordenadora do grupo, Danielle de Sousa Silva.

Segundo esta, além dela, estariam disponíveis apenas duas outras integrantes para responder ao questionário: uma participante que recebeu a implantação do sistema

<sup>3</sup> A escolha das representantes baseou-se no tempo de participação e envolvimento com as atividades do grupo.



agrícola e uma representante escolhida pelo grupo. As respostas foram feitas em formato de áudio.

Através destes questionamentos buscou-se compreender como estas mulheres organizaram-se, suas motivações e anseios futuros, o que mudou nas suas rotinas, a percepção sobre seu trabalho, destacando como estas ações coletivas contribuíram para sua autonomia não só econômica, mas também, como indivíduos politicamente ativos na comunidade no qual se inserem.

## Resultados

A organização das mulheres da Comunidade do Tamatateua em busca de melhores condições de vida, em um meio assinalado por relações desiguais de gênero no qual o trabalho feminino é considerado inferior, representa um elo de resistência a subordinação, historicamente, imposta. É por meio da união de suas produções que podem obter renda, um acontecimento, que de acordo com o apresentado em suas falas, não seria possível individualmente.

Segundo as entrevistadas, o Coletivo trouxe outra perspectiva sobre o que seria o *trabalho no campo*, levando-as a entender que o papel por elas desempenhado não eram apenas serviços de ajuda, mas atividades integrantes do rol de produção agrícola da propriedade. As integrantes relatam que antes não se reconheciam como agricultoras e sentiam vergonha de serem taxadas dessa forma profissionalmente, mas isto mudou com a geração de renda.

*“O paneiro do mangal ajudou muito, muito das vezes as mulheres eram vistas como invisíveis, o homem que dizia que fazia tudo e a mulher ajudava, mas não, a mulher também é agricultora, faz parte do processo e hoje em dia elas também não tem mais vergonha de dizer que é agricultora, hoje tem orgulho de ser agricultora e participar do projeto”* (Trecho do áudio enviado pela Coordenadora do Coletivo).

É neste sentido, de possibilitar que estas agricultoras possam aumentar as atividades comerciais para manter sua autonomia financeira, que a implantação dos sistemas agroflorestais foi escolhida, a fim de diversificar a produção. Os SAFs não seriam viáveis sem a união com o projeto de extensão vinculado ao IFPA, conforme indicado no questionário aplicado, e trouxe a possibilidade de maior interação entre os membros moradores dos lotes onde foram implantados.

Durante os plantios, observou-se que os familiares se envolveram nas atividades, não restringindo-se somente as participantes do Coletivo e integrantes da comunidade acadêmica. Em um dos lotes, ao final da ação da construção das leiras, homens da família, também, realizaram o plantio das mudas e sementes, trabalho, normalmente, atribuído as mulheres.

O mutirão realizado, trouxe não só o aspecto de uma atividade em prol da economia solidária, no qual a cooperação entre os indivíduos resultou em um produto que dificilmente seria realizado sem o coletivo, mas integrou estudantes, professores e agricultores que além de atuarem com o trabalho manual, puderam realizar uma troca de conhecimentos agroecológicos, além do que, a vivência proporcionada auxilia na formação dos futuros profissionais que atuarão no campo.



## Agradecimentos

Agradecemos a oportunidade de participação na ação coletiva vinculada ao projeto de extensão “*Paneiro do Mangal: fortalecendo a sociobiodiversidade das mulheres extrativistas da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçú*”, contribuição e apoio do professor Josinaldo Nascimento (Bill), professora Edna Brito pela doação das mudas utilizadas na composição dos SAFs e agricultoras do coletivo “*Mulheres Guerreiras do Tamatateua*”.

## Referências bibliográficas

ABDALA, Guilherme et al. **Plano de Manejo da Reserva Extrativista Caeté-Taperaçú - VOLUME I - Diagnóstico da Unidade de Conservação**. Brasília: ICMBio.109 p. 2012

ALMEIDA, Marisangela Lins de. **Trabalhadoras rurais: a historicidade do processo político de identificação das mulheres do campo brasileiro**. In: XVII Encontro de História da ANPUH-SC. Anais. 10 p. 2018.

CARDOSO, Rosely Reis. **O coletivo de mulheres guerreiras da comunidade do Tamatateua: uma experiência de enfrentamento as adversidades acentuadas pela pandemia da Covid-19 no maretório da reserva extrativista Marinha Caeté-Taperaçú**. Trabalho de Conclusão de Curso, Tecnologia em Gestão Ambiental, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Bragança. 52 p. 2022

LIMA, Paulo Victor Sousa. RIBEIRO, Tânia Guimarães. **O Maretório: a resignificação de um conceito como categoria política por populações pesqueiras e extrativistas do litoral do Pará**. In: 3º Seminário Internacional Latino Americano. Anais. 10p. 2021.

OLIVEIRA, Ariana Da Mota; CAVALCANTE, Francisco Laíres. **Agroecologia e Feminismo: Um debate teórico sobre a atuação da Mulher no Meio Rural**. Revista de Agroecologia no Semiárido, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 1-09, nov. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/ras/article/view/2331>. Acesso em 20/08/2023

SANTOS, Iolanda Araújo Ferreira dos. BETTO, Janaina. **Movimentos sociais rurais e feminismos: percursos e diálogos na construção do feminismo camponês e popular**. Cad. CRH, Salvador, v. 34, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.42344>. Acesso em 23/08/2023

SCHWENGBER, Dalton Roberto. **Indicações técnicas para o cultivo da mandioca em Roraima**. EMBRAPA Roraima. Boa Vista. 1º edição. 25 p. 2003